



PRÉMIO NACIONAL DE BIOÉTICA 2021

03 de novembro de 2021

Rui Nunes

Começo por cumprimentar o Senhor Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Professor Altamiro da Costa Pereira, e agradecer todo o apoio na organização desta Cerimónia de Entrega do Prémio Nacional de Bioética 2021. Cumprimento, também, todas as autoridades políticas, civis e militares presentes neste evento.

Em seu nome, Senhor Diretor da Faculdade de Medicina, gostaria de agradecer, penhoradamente, a todos os médicos, enfermeiros, e outros profissionais de saúde, que com notável empenho e dedicação se revelaram indispensáveis à vacinação em massa da população portuguesa, e que demonstraram ser profissionais dignos, diligentes e com um enorme sentido ético de responsabilidade. Atitude da qual os Portugueses se podem orgulhar. De facto, os médicos e outros profissionais de saúde demonstraram ao longo desta pandemia que o primeiro recurso de qualquer organização, neste caso o sistema de saúde, são as pessoas que lá trabalham e que a este, incansavelmente, se dedicam.

Este prémio é uma iniciativa da sociedade civil, atribuído pela Associação Portuguesa de Bioética, este ano com o apoio da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, e destina-se a distinguir uma personalidade de elevada idoneidade e integridade pessoal, nacional ou estrangeira, que se tenha distinguido no mundo académico, científico ou na sociedade em geral.

Nesta edição do prémio a escolha recaiu no Exmo. Senhor Vice-Almirante Henrique Gouveia e Melo, Coordenador do Plano de Vacinação Covid-19. Escolha natural e unânime por parte do júri e da direção, designadamente, e para além de mim próprio, das Professoras Guilhermina Rego, Helena Pereira de Melo e Stela Barbas. Em nome da organização gostaria também de agradecer todo o empenho da Dra. Ana Príncipe na concretização desta cerimónia.

A escolha do Exmo. Senhor Vice-Almirante Henrique Gouveia e Melo é plenamente auto-justificável mas, em todo o caso, dado tratar-se de um prémio na área da bioética existem fundadas razões que importa realçar.

1. Estamos, aqui e hoje, numa escola médica criada em 1825, que pretende formar profissionais de excelência, realizar investigação de topo mundial contribuindo, assim, para um pleno desenvolvimento humano do nosso povo, agora num mundo global. Um mundo onde a partilha de conhecimento se efetua em tempo real através de uma sociedade digital, alavancada pela inteligência artificial ou pela computação quântica, mas onde os princípios, os valores, e as referências éticas não podem ser esbatidas a ponto de degradar o essencial da condição humana. A Medicina, como as outras profissões da saúde, são ciências, mas são, cada uma delas, uma arte, de rosto humano, onde a verdade e a compaixão se retransformam lentamente nelas próprias para mitigar o sofrimento humano e ajudar os mais vulneráveis da nossa sociedade. A Medicina, em especial, exige um compromisso ético ímpar, que ainda hoje é recordado pelos jovens médicos no momento em que prestam o juramento hipocrático.

E a *integridade pessoal* e a *verticalidade profissional* são o exemplo vivo de um agir profundamente ético, que deve servir de inspiração aos nossos estudantes, amanhã médicos e médicas, de modo a nunca compactuar com quebras de integridade

profissional, seja por que motivo for. Dado que a excelência também se alcança através de uma plena consciência profissional. Permito-me realçar aos mais jovens toda a atuação do Senhor Vice-Almirante Henrique Gouveia e Melo ao longo da pandemia, nomeadamente ao não compactuar com nenhuma falha de integridade ou com a quebra de deveres profissionais.

Mas, existem outros motivos para a escolha do Senhor Vice-Almirante para este prémio.

2. Ao longo da campanha nacional de vacinação ressaltou aos olhos de todos os portugueses o abnegado *espírito de missão* e um profundo *sentido de serviço*. “Servir”, um conceito quiçá em extinção, mas que denota o mais nobre dos sentimentos, a solidariedade ontológica entre todos os seres humanos assumindo uns a responsabilidade individual de entrega e dedicação aos outros. Ainda que, por vezes, com risco para a própria vida como é caso dos militares em teatro operacional ou dos profissionais de saúde lidando com doenças altamente infecciosas.

Esta ética do dever recorda-nos que o ser humano não vive sozinho. Vive em comunidade e para a comunidade. Tem responsabilidades acrescidas para com a sua família, para com os mais fracos e vulneráveis, ou para com o seu País, sobretudo em situação de emergência nacional, como se tratou, e ainda trata, do combate à pandemia pela Covid-19. Para quem tem o privilégio de integrar a administração pública este *sentido de serviço* assume especial relevância e acuidade. Na busca incessante da verdade, na luta sem tréguas pela justiça, e na fraternidade que sempre deve nortear as relações intersubjetivas entre as pessoas.

3. Mas, para ser eficaz, o espírito de missão tem que se traduzir em resultados palpáveis, pelo que outra característica evidente aos olhos de todos os Portugueses foi a *qualidade da gestão*, alicerçada num *planeamento estratégico* da operação no

terreno, onde a prospetiva e a logística – conceitos tão estranhos em muitos setores de atividade, incluindo na administração pública – assumiram um papel preponderante e decisivo para o enorme sucesso da campanha. E tenho a profunda convicção de que este planeamento estratégico não vai deixar o setor da saúde indiferente, podendo ser um potente agente de mudança sistémica da cultura organizativa. Nada ficará igual no sistema de saúde.

Não é seguramente por acaso que o recém-aprovado Estatuto do Serviço Nacional de Saúde prevê uma alteração substancial do modelo de gestão do SNS com a criação de uma Direção Executiva, que imagino eu, olhará para o exemplo do Senhor Vice-Almirante Gouveia e Melo como fonte de inspiração transformadora.

Em suma, por todos estes motivos, a campanha nacional de vacinação mostrou a todo o planeta uma nova dimensão da Portugalidade. Em tempos idos o nosso povo deu novos mundos ao mundo através de uma expansão cultural e linguística sem precedentes. Tornando a nossa cultura e a nossa língua, intemporais e universalistas. Hoje, a campanha de vacinação mostrou à comunidade internacional um Portugal que sendo histórico é também moderno, que sendo tradicional também é desenvolvido, que sendo geograficamente periférico é central na inovação, estando na vanguarda de um pleno desenvolvimento humano.

Constitui por isso subida honra entregar o Prémio Nacional de Bioética ao Senhor Vice-Almirante Henrique Gouveia e Melo. Como médico, como professor desta nobre e distinta instituição, e também como auditor de defesa nacional aceito com natural alegria esta tarefa, em nome de muitos que querem publicamente demonstrar a sua gratidão, e, acima de tudo, o seu eterno respeito.